

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
E GEOGRAFIA

**"ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
UMA EXPERIÊNCIA PARA A VIDA"**

ALARGON AGRA DO Ó
COORDENADOR DA PRÁTICA

ERONIDES CÂMARA DONATO
ORIENTADORA

GLAYDS RICHELES A. VEIGA
ORIENTANDO

CAMPINA GRANDE - MAIO DE 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – CAMPUS II
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – DHG

“ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA PARA A VIDA”

Este presente relatório é fruto da nossa experiência durante o estágio supervisionado, o qual é realizado em conjunto com a disciplina de Prática de Ensino de História, que teve como coordenador o professor Alarcon Agra do Ó e a orientação da professora Eronides Câmara Donato (Nilda).

DEDICATÓRIA

AOS MEUS PAIS...

... Ao Sr. **Manoel Veiga e D. Judite Veiga** por um dia terem me matriculado em uma escola para que eu pudesse hoje, está terminando este curso de graduação em História.

... Pelas inúmeras vezes que pelas madrugadas estavam de joelho orando e intercedendo a Deus para que me capacitasse de sabedoria suficiente para superar a cada desafio que se apresentava a nossa frente.

... A eles o meu muito obrigado pela confiança em mim depositada, esta vitória é para vocês.

MINHA GRATIDÃO

A DEUS,

pelo fato de ter me dado a vida e me dar a certeza de que a todo instante ele está comigo me ajudando na caminhada da vida.

A MEUS PAIS,

pelo carinho e amor que eles demonstram, ensinando-me a cada dia como dar continuidade aos seus ensinamentos e pela estrutura familiar que eles me proporcionam.

A WANDEMBERG E APARECIDA,

pelos exemplos de pessoas que são tanto na área profissional como pessoal, obrigado por tudo.

AOS PARENTES E AMIGOS,

que sempre estiveram comigo nesta caminhada, contribuindo de forma direta e indireta para a realização deste objetivo.

AOS MESTRES,

Que não mediram esforços no sentido de transmitirem os seus conhecimentos profissionais contribuindo de forma direta para a minha formação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	06
INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I – A construção de uma teia de idéias a Partir da observação.....	08
CAPÍTULO II – Estágio supervisionado: um passo ao magistério.....	17
CAPÍTULO III – Relação professor/aluno: uma nova experiência a cada aula	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
BIBLIOGRAFIA.....	29
ANEXOS.....	30

APRESENTAÇÃO

O presente relatório traz consigo o desejo de levar o leitor, a pensar sobre as temáticas nele abordadas, bem como expor as atividades desenvolvidas ao longo da disciplina: Prática do Ensino de História no 1º e 2º graus, ou mais especificamente durante a realização do Estágio supervisionado.

Com isso, temos a pretensão de que através deste, novas problemáticas a respeito dos vários temas que envolvem a prática de ensino possam se enriquecer e que o mesmo sirva de base para novos desafios, ou reflexões sobre o ensino de história.

INTRODUÇÃO

Quando nos matriculamos na disciplina de Prática de Ensino, temos a oportunidade de colocarmos em prática o conhecimento adquirido na academia e isto só é possível, graças ao estágio supervisionado e ao final deste produzimos um relatório onde neste constará todas as atividades produzidas e executadas ao longo do estágio. O estágio supervisionado tem por finalidade fazer com que o aluno concluinte do curso de Licenciatura em História, tenha contato com a realidade escolar visto que, é grande a importância do conhecimento que adquirimos dentro de uma academia e que ao chegarmos na escola encontramos um leque de possibilidades de utilizar este conhecimento para que ocorra um melhor aprendizado com a experiência de sala de aula.

Buscamos organizar o nosso relatório dividindo-o em três capítulos para que ficasse mais fácil o processo de relato dos acontecimentos do estágio supervisionado. Ao longo do primeiro capítulo procuramos fazer uma descrição da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes, mais conhecida como “Dom Luiz”, local onde realizamos o estágio supervisionado. Ainda neste capítulo inicial, temos a preocupação de entendermos o que significa observar, e para isso discutiremos esta problemática em algumas linhas.

Durante o segundo capítulo buscamos expor nossa experiência dentro do estágio supervisionado, onde falaremos desde a escolha das turmas e conteúdos a serem ministrados até as maiores angústias e dificuldades enfrentadas por nós durante essa experiência ímpar em nossa vida. E finalmente no terceiro e último capítulo, dedicamos algumas linhas a realizarmos uma pequena discussão a respeito da relação existente entre professor/aluno nas escolas, fazendo uma ligação com a nossa experiência em sala de aula durante o estágio supervisionado.

Ao dividimos este relatório em três capítulos, que mesmo tratando de assuntos distintos estão todos interligados, tínhamos a intenção de facilitar ao leitor uma possibilidade de melhor ser utilizado como uma fonte para uns trabalhos futuros e mesmo estando escrito de forma simples e clara, que o leitor possa entender e compreender o que por nós foi vivenciado no estágio supervisionado e que se tornou uma experiência a mais na nossa vida.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DE UMA TEIA DE IDÉIAS A PARTIR DA OBSERVAÇÃO

Aquela estava sendo mais uma terça-feira como outra qualquer, até que ao chegar para a aula de Prática de Ensino de História, o coordenador e professor da disciplina Alarcón Agra do Ó, nos deu a notícia de que ele já estava entrando em contato com a direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral para darmos início ao estágio supervisionado, que nos é cobrado pela universidade ao término do curso de Licenciatura em História.

Naquele instante, foram muitas as indagações que passaram em nossa mente, a respeito de como seria a prática de ensino. Não que tivéssemos temor de enfrentar uma sala de aula, visto que, já somos detentores de uma pequena experiência em sala de aula, pelo fato de trabalharmos em uma escola pública do estado como professor de história. Porém, a ansiedade que nos afligiu diz respeito ao fato de agora estarmos realizando o estágio, estamos sendo observados e estamos observando, acredito até que estamos mais aprendendo do que ensinando na verdade.

Marcamos para nos encontrarmos na universidade na quinta-feira às 8:00 da manhã, para que pudéssemos ir ao colégio, fruto de nosso estágio, para termos um primeiro contato com a estrutura física do colégio, os professores das disciplinas e a direção da escola.

Quando chegamos na escola Severino Cabral, por volta das 8:50 minutos, percebemos que aquela não era apenas uma visita a uma instituição do ensino público, era uma nova visão da realidade sobre a educação no Brasil que se apresentava aos nossos olhos como um grande desafio a ser superado, ou seja, como transformar “todo” o conhecimento adquirido em uma universidade para a realidade de uma escola pública de um bairro distante do centro da cidade?.

Nesta primeira visita, fomos instruídos pelo coordenador da prática de ensino a procurarmos observar o local em que se encontra a escola, a situação física da escola, bem como a divisão dos prédios que compõem os blocos de salas, etc.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, pode ser entendida como uma escola “mal planejada”, pois existem salas muito pequenas e que comportam turmas enormes, que chegam a ter cerca de 40 alunos em um espaço físico que comportaria 25, e algumas salas consideradas grandes que comportam mais de 60 alunos por turma.

A escola possui dois blocos de salas, um que pode ser considerado na parte de cima da escola, ficando mais próximo da secretaria e da diretoria do colégio e nos dá a entender que nestas turmas, que ficam mais próximas da direção da escola, encontramos os alunos que dão mais trabalho, os chamados “bagunceiros” e que por isso, devem ficar mais próximos da diretoria, colocando em prática a teoria foucaultiana de “vigia e punir”.

Neste primeiro bloco, existem algumas salas que utilizam uma mesma parede para dividir duas salas, o que atrapalha o rendimento e o processo de ensino – aprendizagem visto que, quando um professor está a ministrar uma aula em uma turma, a sala ao lado está ouvindo a explicação do professor e isto, atrapalha, bem como, dificulta o processo de aprendizagem.

O segundo bloco de salas, ao qual chamamos de “pavilhão”, pelo fato do prédio ter uma semelhança com um pavilhão de uma penitenciária, apresenta no seu interior, cerca de quatro salas e comporta também a biblioteca da escola que apresenta uma pequena coleção de livros que podem ser utilizados para melhorar o processo de aprendizagem.

A escola é murada, porém, nem todo o terreno que pertence a escola, é aproveitado devido a posição que os prédios que compõem a mesma terem sido construídos de forma inadequada. Dentro do muro da escola existe uma quadra aberta, onde acreditamos que os alunos a utilizam durante o recreio e realizam nela as práticas desportivas oferecidas pelo colégio. Essa quadra não é coberta, o seu piso aparenta ser de cimento e se encontra em péssimo estado de conservação, o que vem a acarretar problemas de saúde para os próprios alunos.

Durante o período do recreio os alunos se “amontoam” uns sobre os outros, pelo fato do espaço ao qual chamam de pátio ser muito pequeno e não tem capacidade de

acolher a todos os alunos. Localizada ao lado do pátio fica a cantina ou refeitório onde é servida a merenda escolar, geralmente canja de frango ou cuscuz com sardinha, e os alunos enfrentam fila para receber a merenda e muitos são obrigados a se alimentarem em pé, pois o pátio não possui bancos suficientes para todos os alunos.

Apesar de todos estes problemas detectados, a escola apresenta uma ótima organização administrativa através da pessoa da diretora Santana, um quadro qualificado de professores que nos receberam muito bem e se mostraram muito prestativos no sentido de não fazerem objeções em ceder suas turmas para que pudéssemos realizar o estágio supervisionado.

Por volta do dia 20 de março de 2001, voltamos a escola Severino Cabral com o propósito de definirmos os horários e as turmas que cada estagiário iria assumir sendo, uma turma do ensino fundamental e uma outra do ensino médio. A busca de definir os horários onde iríamos trabalhar se transformou em um quebra cabeça para o coordenador da prática de ensino, visto que, a quantidade de turmas oferecidas e os horários disponíveis não eram suficientes para todos os estagiários.

A solução encontrada pelo professor Alarcón e os estagiários foi a seguinte: tínhamos de realizar a prática de ensino em duas escolas diferentes da rede pública. Uma escola já estava definida seria o Severino Cabral mais qual seria a outra escola? Como segunda opção encontramos a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes no bairro das Malvinas.

Tendo por base a solução encontrada para o impasse, a turma de estagiários foi dividida, sendo que Jailson, Aída, Sérgio e Allyson continuariam realizando a prática na escola Severino Cabral, enquanto, eu (Glayds), Júnior e Alexandrino realizariam a prática na escola Dom Luiz, instituição na qual nós três já somos professores de história, sendo que Júnior leciona no turno da tarde em quanto eu e Alexandrino à noite.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes fica localizada na rua das pitombeiras sem número no bairro das Malvinas. A escola é mais conhecida como Dom Luiz e apresentava como diretora a professora Ana Torreão, pois esta agora encontrasse afastadas das funções administrativas da escola pelo fato de estar em processo de campanha eleitoral, buscando se reeleger para um mandato de mais quatro anos.

A escola no presente momento, se encontra murada, porém, o portão da frente da escola foi arrancado e segundo alguns funcionários do colégio, por “vândalos” e eles acreditam que as pessoas que fizeram isto no portão, são próprios alunos do colégio.

O Dom Luiz possui um grande terreno que poderia ser utilizado de diversas maneiras pela administração da escola, mas que no momento serve apenas de estacionamento para os carros de alguns professores e como local de encontro e bate – papo entre alunos.

Este espaço livre do colégio seria mais bem aproveitado com a construção de uma área de lazer para os alunos do ensino fundamental e de uma praça para que os alunos do ensino médio ficassem quando estivessem com aula vaga, pois muitos dos professores reclamam do “barulho” que os alunos produzem nos corredores quando estão com aula vaga e esta viria a ser uma possível solução na busca de se encontrar uma solução para o problema de onde os alunos poderiam ficar quando estivesse de aula vaga.

Após o primeiro portão, que fica ainda no muro que cerca a escola, existe um portão menor que dá acesso ao interior da escola e neste portão fica um senhor de idade conhecido por “Careca” que tem como função principal controlar o fluxo de entrada e saída dos alunos da instituição de ensino.

No colégio existe uma quadra que se encontra em um estado de pleno abandono, sem iluminação, piso e estrutura nem para os alunos praticarem educação física, disciplina obrigatória para os alunos do ensino fundamental e sem um local adequado para a prática de esportes, tanto os alunos, como a escola e a comunidade em geral terminam sendo prejudicados.

A escola foi fundada há cerca de 13 anos e possui em torno de 12 salas de aulas que estão divididas em dois blocos. Cada sala comporta em média cinquenta alunos. Existe um projeto para que ocorra uma reforma geral na escola, nesta reforma, seriam construídas novas salas de aula, uma sala de vídeo, melhoria na estrutura da biblioteca novas instalações hidráulicas e elétricas, visto que, um dos grandes problemas hoje no colégio é o fato de toda a rede elétrica é interligada, ou seja, se apagar as lâmpadas de uma sala todas as demais também apagam.

Enquanto espera que o governo do estado libere verbas para a realização da reforma geral a direção do colégio procura a cada ano realizar pequenas reformas quando são

pintadas as paredes e trocadas todas as portas e fechaduras das salas e isto, contribuiu para que o ambiente de trabalho melhorasse consideravelmente, pois quando as salas não possuíam portas era impossível lecionar pelo fato dos alunos ficarem entrando e saindo das salas e muitas pessoas ficarem nos corredores, uns conversando e outros observando o que o professor estava fazendo na sala .

O Dom Luiz nos apresenta em seu interior uma pequena biblioteca de estudos composta tanto de livros didáticos como de livros literários que poderiam ser melhores aproveitados, através da pesquisas sobre determinados assuntos, incentivo a leitura de livros literários, como romances regionalistas etc, tanto por professores, como pelos próprios alunos, desde que sejam orientados para isso. Neste mesmo espaço físico onde funciona a biblioteca se localiza a chamada sala de vídeo da escola. E estas duas funções para um único espaço, termina sendo prejudicial para os alunos, pois se um determinado professor está utilizando o setor destinado a sala de vídeo a biblioteca não pode ser utilizada por causa do barulho e vice-versa.

A escola possui ainda, a diretoria, a secretaria, uma sala dos professores e uma sala de espera que dá acesso a diretoria, bem como, possui também um setor destinado para organização, planejamento e execução de práticas pedagógicas a serem utilizadas e posta em prática na escola ao longo do ano letivo.

Durante o dia, a cantina da escola funciona, mas no turno da noite ela nunca está aberta e por isso não há merenda escolar para os alunos do ensino fundamental do turno da noite. A cantina se localiza de frente ao pátio central da escola e este se encontra em posição estratégica dentro da escola, pois quando estamos em alguns locais do pátio, percebemos que temos uma visão geral de tudo o que esta acontecendo na escola.

Este posicionamento do pátio, é entendido por nós, como a necessidade de se ter uma visão panóptica da escola e dos alunos visto que, a partir deste, tanto os diretores, como os funcionários e até os próprios alunos passam a serem observadores e olheiros de como seus colegas de escola estão se comportando. Neste sentido, o aluno que está sendo observado, se sente ameaçado por quem quer que seja e a direção da escola tem uma visão panorâmica de todos os locais desta.

Como o nosso estágio foi realizado no turno da noite, podemos observar que a primeira aula começa às 18:45 minutos, porém , os professores só se dirigem as salas de

aula por volta das 19:00 e muitos dos alunos só chegam para as aulas em torno das 19:15 minutos o que nos leva a entender que se uma hora aula equivale a 45 minutos, os professores que ministram as primeiras aulas praticamente não as fazem por falta de alunos.

A quinta (e última) aula começa por volta de 21:45 minutos e está prevista para encerrar às 22:30 minutos, entretanto, quando os relógios marcam 22:00 os alunos se recusam a permanecerem nas salas alegando que estão cansados, pois trabalham durante o dia, ou estão com fome, as meninas alegam que moram em locais distantes do colégio e é perigoso sair tarde da aula, ou seja, o professor fica impossibilitado de lecionar durante a quinta aula.

O Dom Luiz a noite funciona com em média quinze professores e cerca de dez funcionários para atender a uma demanda de aproximadamente seiscentos alunos. O colégio oferece ao professor como recurso didático apenas o quadro, o giz, alguns mapas e o extencil que só pode ser utilizado para a produção de provas e exercícios avaliativos.

Observando as duas escolas que foram utilizadas durante a prática de ensino, percebemos que a estrutura física da escola Dom Luiz foi mais bem planejada e construída em relação à escola Severino Cabral, pois a sua estrutura acolhe melhor os que frequentam aquela entidade de estudo, mas não podemos negar a necessidade que existe de uma reforma geral na escola.

Este é o novo mundo que se abre, que nasce, que surge a nossa frente, esta é a escola Dom Luiz, lugar institucional onde começaremos os nossos primeiros passos rumo a longa caminhada que é lecionar, ou seja, dedicar-se ao magistério.

E tudo começa a partir da observação, de procurar fazer compreender o que parece ser simples, supérfluo, buscar nas pequenas coisas ou reações, entender o universo mental que envolve o grande mundo que são as cabeças daqueles que estão ao nosso redor.

Como perceber a escola como um novo mundo? Ou como uma extensão do nosso corpo? Daquilo que queremos ser. Necessitamos que as pessoas percebam em nós não as nossas poses mas, aquilo que verdadeiramente somos, as nossas personalidades construídas a partir da observação, observação esta que gera uma teia de fato aos quais chamamos de experiências de vida.

Na busca de sabermos quem somos, descobrimos que somos “feiticeiros”¹ que brincamos com as palavras e fazemos delas nossas mãos, pois

“O professor é alguém que fez uma viagem e voltou. Ele foi até terras desconhecidas e teceu suas teias. Ao voltar, mostra-as àquelas que não foram. Ele lhes diz como é o mundo. Suas teias de palavras são mapas que mostram os caminhos seguros e indicam as trilhas que não levam a lugar nenhum”²

O professor para tecer sua teia de palavras, tem por base a observação, ele precisa ser um bom observador, um bom espectador, para poder entender aquela escola que ele frequenta, a partir de um novo horizonte, que é o lugar institucional que ele exerce agora.

Parando um pouco para refletir, nos deparamos com duas situações: por que observar e para que observar? Pode nos parecer difícil responder a estas indagações pelo fato de nos estar sendo cobrada esta resposta, porém, ao nascermos, ou quando começamos a dar os primeiros passos, bem como, a pronunciar as primeiras palavras, fazemos isso porque observamos nossos pais, colegas, parentes ou amigos, ou seja, tudo começa com a observação e deve no final voltar à observação para uma avaliação final.

Realizar a observação na escola não é uma tarefa fácil, pois

“O observador chega ao seu lugar de trabalho, munido de uma listagem de comportamento, registra a ocorrência destes comportamentos em um determinado período de tempo, classificando-os em categorias ou caracterizando-os por meio de sinais.”³

Partindo desse pressuposto, ao chegar no colégio com esta “caixinha de modelo” o observador termina por perder a sensibilidade de perceber as coisas que

¹ Ver ALVES, Rubens. Lições de Feitiçarias. Editora Loyola.

² Ver ALVES, Rubens. Lições de Feitiçarias. Editora Loyola. Pág. 36

³ Ver CHIZZOTTI.1998.pág.53.

acontecem ao redor do mundo (a escola), ou seja, a escola se apresenta para ele na forma de um espelho e no reflexo desse espelho, as imagens eram apenas aquelas que se encontram nos olhos do observador, ou seja,

“para ele o espelho nada tem a mostrar, nada tem a dizer sobre si mesmo.”⁴

O observador deve acima de tudo ter em mente que o universo escolar não é composto apenas de espaço físico, pelas carteiras, por professores e ou alunos, mas sim, que

“um professor ou um aluno, traz consigo para a escola todas as experiências que vive nas tão diversas relações individuais e de grupo que mantém”.⁵

Portanto, observar é realmente uma tarefa difícil de ser realizada e sendo assim, vamos desistir? Se ao nos depararmos com a realidade passarmos a negá-las das nossas vidas diárias, estaremos assim, nos tornando não observadores, mas meros professores que ainda não estão prontos para confrontar idéias, discutimos problemáticas, ou seja, não temos ainda capacidade de sermos chamados de educadores.

Por isso, como nos afirma Maria Stephanou⁶, temos sim que instaurar nossa maneira de ser, através de nossas escolhas, dos nossos olhares, das nossas “caixinhas de modelos”, porém, não devemos jamais deixar de conhecer o outro, ou seja, a realidade de vida de cada um, seja ele professor ou aluno bem como, buscar saber como a escola trabalha e oferece, para alunos e professores, mecanismos que venham a lhes ajudar no dia-a-dia e portanto, sendo sabedor desses dois lugares, o observador poderá interpretar o seu lugar de estudo trabalhando seus modelos com a realidade vivida e com isso, ele estará assumindo o papel de educador, o que lhe dará a oportunidade de colocar em prática a sua produção ativa de subjetividades, como as maneiras de ser, conhecer e interpretar o mundo e a si próprio.

⁴ Ver ALVES, Rubens. 2000. pág. 20

⁵ Ver ALVES e GARCIA. 2000. pág 9

⁶ Ver STEPHANOU, Maria. 1998.

A partir desse momento, o observador

“Não se deixa levar simplesmente pelo pitoresco ou pelo excepcional. Ele vai para o campo de observação, consciente de que especialmente na vida social, o banal, o costumeiro ou melhor, o cotidiano é tão interessante que o pitoresco ou excepcional.”⁷

Portanto, o observador pode atrair para si diversas funções, pois ele é um estranho, mas não está livre de se envolver emocionalmente com a situação social. As pessoas observadas podem sentirem-se relativamente livres para falar tensões e assuntos delicados. O observador será também, um ouvinte. E por fim, ele será um aluno decidido a aprender mostrando que a comunidade ou grupo, no nosso caso a escola, são importantes na sua formação e na construção daqueles que por ele foram observados.

⁷ Ver NOGUEIRA. 1968.pág 88

CAPÍTULO II

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM PASSO AO MAGISTÉRIO

Depois que estava definida a escola onde iríamos realizar o estágio supervisionado, teve início o segundo passo dentro do processo da prática de ensino de história e este, na nossa opinião, se tornou um grande desafio a ser superado a cada dia, estamos nos referindo ao processo de planejamento e execução das aulas.

A princípio marcamos um encontro com a nossa orientadora, a professora Eronides Câmara Donato, mais conhecida como “Nilda”. Neste encontro ficou definido que trabalharíamos com a turma da 8ª B no ensino fundamental e o 3º A seria a nossa turma do ensino médio. A professora Nilda nos orientou para que começássemos a observar o conteúdo a ser ministrado, através dos livros didáticos e buscássemos encontrar um eixo temático que se tornasse a mola mestre que iria nos orientar na aulas.

Analisando o conteúdo das duas turmas, com as quais estávamos nos dispondo a trabalhar, percebemos que tanto na 8ª B quanto no 3º A os assuntos a serem por nós trabalhados estavam diretamente ligados a palavra revolução, visto que, na oitava série o assunto sobre o qual iríamos ministrar as aulas era a Revolução Russa de 1917 e na turma do ensino médio o assunto a ser estudado era a Revolução Francesa de 1789 que marca o início do período contemporâneo.

Revolução, este era o conceito a fazer com que os alunos entendessem na nossas aulas, porém, faltava ainda definir o eixo ou problemática que iria envolver as aulas. Parando um pouco para refletir, nos veio a mente a idéia de saber por que ocorreram essas revoluções? A resposta foi imediata, pelo fato de existir um desejo de mudar a velha ordem vigente naquelas sociedades, o desejo de se ter um novo projeto para o futuro e este futuro

só chegaria através de uma ruptura, profunda e marcante, ou seja, através de uma Revolução.

Ao responder esta indagação, acabávamos de definir o nosso eixo problemático que seria: REVOLUÇÃO: A INSTAURAÇÃO DE UM NOVO TEMPO? UM TEMPO DE RUPTURAS?

Com o eixo elaborado, a nossa preocupação se volta agora para o processo de planejamento propriamente dito. Começa neste instante uma nova jornada dentro dessa caminhada, que era pensar uma forma ou melhor, uma metodologia que nos auxiliasse durante a exposição das aulas.

Várias foram as idéias e sugestões de metodologias que surgiram e ao nosso ver, a que melhor nos proporcionou uma forma de despertar nos alunos o interesse, não só por aquela aula, mas também pela própria disciplina de história, que é tida por muitos alunos como “chata”, “decoreba”, “cansativa”, etc, foi trabalharmos com aulas expositivas e o auxílio de cartazes.⁸

Após a escolha da metodologia e dos recursos didáticos a serem utilizados, o nosso estágio supervisionado tomou um novo rumo, bem diferente por sinal, das expectativas por nós traçadas, visto que, ocorreu um grande “acomodamento” por parte da nossa pessoa que, por uma série de motivos ou problemas, que poderiam ser eliminados ou resolvidos mais rápidos, deixou de entrar em contato com a sua orientadora, o que acarretou um certo prejuízo ao orientando porque este deixou de adquirir uma maior experiência ao lado da sua orientadora.

Nas últimas semanas do estágio, a professora Nilda, por motivos superiores, precisou se ausentar por uns dias do campus universitário, ao retornar, percebeu que o orientando mesmo estando sempre em contato com ela, dificilmente se referia ao estágio supervisionado, a não ser quando procurava saber como “andava” a resolução de alguns problemas burocráticos entre o aluno e a instituição acadêmica.

Este período de “acomodação” pelo qual passou o estagiário, serviu para que ele percebesse o quanto é importante está a cada dia aprendendo com um mestre, com uma orientadora, pois a dificuldade é bem maior quando temos um destino a chegar e olhamos para o lado e vemos que aquelas pessoas que poderiam nos ajudar na caminhada rumo ao

⁸ Ver em anexo os cartazes.

nosso objetivo, simplesmente nós a deixamos no início do percurso quando nos julgávamos capazes de atingirmos o alvo, por si próprio.

Hoje reconhecemos e sentimos a falta que fez não estarmos sendo bem acompanhado, ou orientado pela pessoa certa, nos ensinando com a sua experiência a sairmos das situações antes enfrentadas. Mas o estágio continuava e agora após as aulas prontas, chegara a hora de enfrentar as salas de aula.

Na turma da 8^a B as aulas de história são ministradas na segunda-feira a terceira e quarta aula e na sexta-feira, também a terceira e quarta aulas. A turma é composta por em média quarenta alunos com uma faixa de idade que vai dos 16 aos 40 anos, onde uns trabalham fora durante o dia e outros são donas de casa.

O fato de muitos alunos trabalharem durante o dia, prejudica o ritmo de aprendizado, pois quando chegam a noite ao colégio para assistirem as aulas, tanto os corpos como as mentes dos alunos, já estão cansadas e isto faz com que muitos vejam no estudo uma barreira para continuarem, alegando que no outro dia eles tem que trabalhar de novo.

Apesar de todos estes problemas, percebemos que os alunos se interessam pela aulas de história buscando sempre que possível realizar uma ponte entre o conteúdo que estar sendo estudado na disciplina e a realidade vivida por muitos no meio da nossa sociedade.

A medida em que as aulas sobre a Revolução Russa trouxeram a tona problemas como desemprego, fome, greve e uma série de outros temas que eles puderam relacionar com a realidade por eles vivida, a aula se tornou mais interessante para os próprios alunos que começaram a perceber que no seu dia-a-dia acontecem fatos que podem ser estudados na história e que estão ligados a própria vida cotidiana dos alunos.

Com o assunto sobre a Revolução Russa foram utilizadas quatro horas aulas e isto ocorreu devido ao interesse dos próprios alunos sobre as questões estudadas e levantadas em sala. Entre algumas perguntas feitas pelos alunos, uma nos chamou a atenção, pois o aluno perguntou por que durante um bom tempo ele estudou a história a partir dos heróis e dos grande acontecimentos e não daquela forma que ele e a turma estava estudando agora.

Naquele instante, parei um pouco e pensei comigo mesmo, que as várias noites passadas em claro ao longo dos quatro anos do curso valeram a pena, ou seja, que os ensinamentos passados por todos os professores nos ajudaram a despertar nos alunos uma

nova possibilidade de estudar a história sem ser totalmente necessário decorar datas e nomes de pessoas famosas, mas sim, a partir do nosso dia-a dia, da nossa própria experiência de vida.

Além das aulas sobre a Revolução Russa, ministramos também uma aula sobre as indústrias, os operários, e as greves no Brasil entre 1915 e 1922. Nesta aula estudamos também o movimento Anarquista e a criação do Partido Comunista do Brasil.⁹

Durante as aulas ministradas para a 8ª B não foram produzidos textos pelo estagiário para serem distribuídos com os alunos, visto que, as turmas do ensino fundamental das escolas públicas recebem o livro didático, sendo assim, o estagiário se preocupou apenas em preparar as aulas com seus respectivos planos e montar os cartazes que foram utilizados naquela oportunidade.

As aulas ministradas no ensino médio, nos trouxeram uma nova experiência e começamos a entender o que certo dia, o professor Alarcon nos falou a respeito que cada aula é um novo desafio e que cada turma é um novo universo de superação que temos de enfrentar, pois tínhamos o modelo de aula a ser ministrada e sabíamos dos resultados alcançados, mas a experiência na turma do terceiro ano nos trouxe um novo aprendizado dentro da caminhada do magistério.

Na turma do 3º A as aulas de história são ministradas somente nas segundas-feiras nas duas primeiras aulas. A turma possui em média cinquenta alunos distribuídos em várias faixas etárias. A semelhança dos demais alunos do colégio do turno da noite a grande maioria deles trabalha o dia inteiro e procura estudar a noite.

Trabalhar com a turma do terceiro ano não é uma tarefa fácil, visto que alguns alunos por julgarem que estão terminando o ensino médio não serão reprovados e chegam a saírem das salas para ficarem conversando no corredor e quando indagados por que estão ali, alegam que são “feras” e não serão reprovados.

Uma outra dificuldade em trabalhar com essa turma é o fato de que as aulas de história só ocorrem uma vez por semana e como são a primeira e segunda aulas, os alunos geralmente entram na sala às 19:15 minutos em média o que prejudica a eles mesmos, pois o professor é obrigado a enxugar o conteúdo o máximo possível, já que é obrigado a cumprir a estrutura curricular exigida pela Secretaria de Educação.

⁹ Ver anexo plano de aula.

As aulas sobre a Revolução Francesa necessitaram de duas segundas-feiras seguidas, ou seja, quatro horas aulas e ministramos também uma aula sobre a França durante o período napoleônico. Atentamos nestas aulas para fazer com que os alunos percebessem o grande legado deixado pela Revolução Francesa para a humanidade e as conseqüências da Revolução que a tornaram no marco inaugural do mundo contemporâneo, algo singular para a história.

Ao longo das aulas, pudemos perceber que, os alunos foram se envolvendo com todo o processo desencadeado ao longo da Revolução e os seus significados como é o caso da Queda da Bastilha, onde alguns chegaram a perguntar ” de onde ela caiu” e após a explicação ficamos satisfeitos ao perceber que eles entenderam a “figura de linguagem” que envolve a palavra queda e o verdadeiro sentido que a tomada da Bastilha dá ao processo revolucionário.

Como os alunos não possuem livros didáticos no ensino médio, distribuídos pelo governo do estado, foi necessário ao professor a elaboração de uma apostila¹⁰ com o conteúdo a ser ministrado pelo professor durante as aulas. O estagiário também preparou cartazes sobre a Revolução Francesa e seus principais acontecimentos com o propósito de fazer com que o processo de aprendizagem se tornasse o mais simples possível.

O relacionamento entre professor/aluno foi considerado bom e será mais bem analisado no próximo capítulo. Ao término destas aulas e realizando uma auto-avaliação, acreditamos que apesar das inúmeras dificuldades encontradas e neste já relatadas, a experiência no estágio supervisionado foi ótima, pois os objetivos traçados foram alcançados, ou seja, despertar nos alunos uma nova visão sobre os acontecimentos históricos.

¹⁰ Ver material distribuído em anexo.

CAPÍTULO III

RELACÃO PROFESSOR/ALUNO: UMA NOVA EXPERIÊNCIA A CADA AULA

Temos consciência de que tudo o que nós já escrevemos nas páginas anteriores foi fruto de um trabalho de observação, de pesquisa, onde recolhemos dados, imagens, experiências de vidas. Mas a nossa contribuição não estaria completa se não buscássemos dialogar um pouco sobre algo que chamou a nossa atenção durante a realização do estágio supervisionado, estamos falando da relação professor/aluno.

Esta nossa preocupação com essa experiência impar na vida de cada indivíduo, seja ele um professor ou um aluno, não é recente, visto que, sempre fomos alunos e analisamos a relação de uma forma, hoje estamos no papel de professor e um novo leque de interpretações ou de olhares surge diante desta mesma relação a tanto tempo vivida.

Conflituosa, essa seria a primeira palavra possível para se entender a relação professor/aluno, pois estamos falando de dois universos diferentes, duas cabeças, dois indivíduos, que como todo ser humano é orgulhoso, egoísta e que em muitos casos não estão abertos ao diálogo e é esta postura que contribui para a criação de adjetivos indesejáveis tanto para professores como para alunos tais como:

“... Professor sargentão, chato, incompetente, que não sabe ensinar, velho, ignorante, nazista, etc.

... Estes alunos são: incompetentes, bagunceiros, vagabundos, sem futuro, palhaços, etc.”¹¹

¹¹ Estas falas foram colhidas observando conversas entre alunos e entre os próprios professores.

“Nós falamos de professores e alunos de carne e osso, sujeitos de razão e de emoção e que são autores da história que se faz e refaz a cada dia na escola.”¹²

Estes adjetivos “deprimentes”, muitas vezes são frutos de choques ou confronto de posicionamento dentro de uma sala de aula, ou seja, o professor se acha na autoridade ou no direito de exigir respeito, ele mesmo não dá respeito ao aluno e procura tratá-lo como um submisso e isto termina gerando um grande problema, pois aquele aluno que foi agredido verbalmente pelo professor se sente acuado e termina reagindo de forma “instintiva” as falas do professor.

Assim como nos afirma Ruben Alves,

“...um bom professor: um bom espelho...”¹³

Acreditamos que o professor representa o papel de um espelho, ou seja, antes que ele queira que alguém faça algo ou se comporte de uma determinada maneira, ele deve ser o exemplo, pois segundo Delemeau, “as palavras tem vida” e se ele deseja que haja respeito, primeiro ele deve dar o respeito aos seus alunos.

Muitos professores acreditam que são os únicos detentores da “verdade” na sala e por isso não admitem serem questionados. Quando este questionamento surge e vem a tona na sala, o professor se sente ameaçado e procura reprimir os alunos afins de por ordem na sala de aula, acreditando que “vigiar é punir”¹⁴.

É baseado no comportamento destes tipos de professores que muitas escolas hoje se preocupam apenas em saber se o aluno tirou a nota que precisavam, mas estão preocupadas em tornar seus alunos verdadeiros sujeitos da história, pessoas que participam das discussões em sala, no seu bairro, no seu país, alunos que expõem seus pontos de vistas sobre problemas que assolam a sociedade da qual eles fazem parte.

Defendemos que uma boa relação professor/aluno contribuirá para que o aluno aprenda o conteúdo e não se transforme numa “máquina de reprodução” do conhecimento

¹² Ver ALVES e GARCIA. 2000, pág 10.

¹³ Ver ALVES, Rubens. 2000, pág 19.

¹⁴ Ver FOUCAULT, Michel. 1994.

do seu professor, apresentando “respostas modelos” para tudo já que foi assim que ele aprendeu com aquele que se diziam um mestre.

Este acontecimento nos preocupa e leva-nos a perceber que a relação professor/aluno dentro do processo de ensino-aprendizagem é superior ao conhecimento adquirido na academia, visto que, ao entrarmos em sala de aula estamos nos deparando com no mínimo quarenta experiências de vidas diferentes, são quarenta realidades de vida, onde as pessoas ou alunos enfrentam problemas, encontram soluções, etc. E nós,

“qual é o nosso conhecimento das realidades para as quais pensamos estar preparados para sermos futuros professores?”¹⁵

Acreditamos que o professor dentro da sala de aula, nada mais é do que um aluno, que apresenta uma maior experiência na área da leitura, mas que tem muito a aprender com o cotidiano de sala, visto que, cada dia ou cada aula é uma oportunidade que ele tem de fazer brotar nos alunos um novo olhar sobre a sua realidade e é este professor que como nos afirma Maria Stephanou,

“Toma posse da história que se apresenta como algo externo ao aluno, algo exótico ou como espetáculo que não lhe diz respeito”,¹⁶

e é capaz de tornar ela em algo atraente e interessante a partir do momento que tem a preocupação de trabalhar com a realidade do aluno, fazendo com que o aluno veja a sua vida diária como parte de um acontecimento histórico.

Durante a nossa prática de estágio supervisionado, passamos por algumas situações que nos fizeram perceber, que em primeiro lugar a relação existente entre professor/aluno deve ser de amizade e respeito mútuo e que mesmo estando em lugares institucionais diferentes, somos seres humanos, e por isso, não podemos apresentar os “nossos modelos ou caixinhas estereotipadas de pessoas” mas, a partir de nossas experiências aprender a

¹⁵ Ver FELDENS, Maria das Graças Furtado. 1998. pág 129.

olhar o que de interessante acontece no cotidiano escolar e aproveitar o melhor possível o que acontece entre sujeitos empenhados em ensinar e aprender.

Certo dia, um determinado aluno estava tirando a atenção dos seus demais amigos na sala, confesso que a princípio pensamos em pedir para que ele saísse da sala e indaguei comigo mesmo: “se eu mandar ele sair da sala, não iria mudar em nada o seu comportamento, visto que, vários outros professores já fizeram isso”. Ao invés de mandar ou melhor, pedir para que ele saísse da sala, olhei para ele e lhe disse: “você pode me ajudar aqui por favor!” toda a turma ficou em silêncio por um instante e o aluno mais espantado ainda perguntou: “o senhor precisa da minha ajuda?”. Foi então que pedimos para que ele me ajudasse a organizar a turma e a colar uns cartazes.

Ao término da aula, o aluno chegou até a minha pessoa e disse: “professor, valeu por não ter mandado eu sair da sala, a aula hoje foi massa!”. Depois eu fiquei indagando e vendo que muitas vezes quando um aluno, estar tirando a atenção dos demais, é por que algo está errado para que seja necessário que ele seja notado pelos demais colegas de sala.

Percebemos com isto, que a cada dia devemos...

“... reconhecer a escola como um espaço/tempo de permanente transformação em que sujeitos – alunos/alunas e sujeitos – professores são seres mutantes e complexos que vivem processos extremamente complexos que, para melhor compreender, exige muita humildade para romper com uma absurda onipotência com a qual fomos todos e todas formados.”¹⁷

Contudo, entendemos que o processo de ensino-aprendizagem esta diretamente ligado a relação existente entre o professor e o aluno, ou seja, se esta for uma relação conflituosa a aprendizagem ocorrerá de forma obrigatória o que faz com que, em muitos casos, o aluno apenas decore o conteúdo necessário para responder uma prova não gerando o conhecimento esperado pelo professor no aluno.

¹⁶ Ver STEPHANOU, Maria. 1998, pág 20-21.

¹⁷ Ver ALVES e GARCIA. 2000.pág 12-13.

Por outro lado, quando o relacionamento existente em sala entre o professor e o aluno é entendido como um laço de amizade, tanto o professor terá condições melhores para ministrar a aula como o aprendizado por parte do aluno será visto como algo necessário e importante para o seu dia-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando estudava na 7^a série do ensino fundamental, conversando certo dia com uns colegas de turma eu disse: “quero ser professor de história”. Naquele instante poderia ser apenas um impulso ou influência por causa, quem sabe, de uma boa aula de história que assisti. E hoje aqui estou, terminando a graduação em história e dando vida aquelas palavras professadas por um adolescente.

O que se tem em mente quando pensamos estudar ou cursar história? Muitas respostas surgem tais como: “somos loucos, existe gosto pra tudo na vida, cada um com seus problemas, queria entrar na universidade de qualquer jeito, entre outros¹⁸. Porém, estudar história é procurar construir uma nova filosofia de vida, é ser capaz de passar para o alunado todo o nosso conhecimento e buscar despertar neles a necessidade de verem suas vidas como parte integrante da história.

Passamos, pelo menos, quatro anos em uma universidade adquirindo conhecimentos e sabemos que, todo este conhecimento ali adquirido, nos possibilitará a prática do magistério com um novo olhar e será esta nova óptica que verdadeiramente irá transformar meros estudantes em verdadeiros educadores que se preocupam não só em serem um profissional na escola, mas buscar levar aos seus alunos o fascínio, o encanto, o prazer que pode ser descoberto nos livros, na história, na vida.

Falhamos em alguns pontos, tropeçamos em outros, mas aprendemos a necessidade de pensarmos o estágio supervisionado como sendo um projeto coletivo de formação do educador. Coletivo no sentido de que ninguém é auto-capaz ou auto-suficiente. Temos que saber colher os frutos com aqueles mais experientes que estão ao nosso redor.

Através do estágio supervisionado aprendemos que, devemos acima de tudo sermos bons observadores e como consequência seremos profissionais capazes de elaborarmos nossas metodologias e recursos didáticos a serem utilizados nas aulas, bem como reconhecermos a necessidade de sempre estarmos dando as mãos uns aos outros, para que

possamos no final da caminhada olharmos para trás e vermos que deixamos pelo caminho sementes, frutos, flores e espinhos na árdua caminhada do magistério.

Aqueles que num futuro próximo resolverem utilizar este relatório, saibam que as palavras não ditas nele, as lacunas existentes, falam mais do que as mais belas palavras, visto que, eu não conseguiria eternizar em palavras a experiência de vida que o processo de produção deste trouxe, tanto para a vida profissional como pessoal. Assim como nos fala o historiador George Duby “a história é um tecido ou um texto, amassado, coçado, rasgado, fragmentado, retalhado”, mas nem por isso, devemos deixar de ler o passado de formas diferentes, questionando sempre, costurando o tecido de diversas formas, várias vezes, tentando preencher as lacunas do tecido.

Assim é este relatório, um lugar a ser questionado, que pode falar mais pelas entrelinhas, pelas vírgulas, do que pelas próprias palavras. Ele é apenas o relato de uma prática de ensino, de um estágio supervisionado ou melhor, o início da longa experiência dentro do magistério. Uma experiência de vida.

¹⁸ Estas geralmente são respostas dadas como forma de brincadeira ou crítica a quem estuda ou presta vestibular para história.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Nilda & GARCIA, Regina Leite. A invenção da escola a cada dia. In: ALVES, Nilda & GARCIA, Regina Leite.(orgs) *A invenção da escola a cada dia*. Rio de Janeiro DP&A,2000.pp.07-20.
- ALVES, Rubens. In: *Lições de feitiçaria*. Editora Loyola. São Paulo. 2000.
- CHIZZOTTI, Antônio. “Fases e etapas da pesquisa experimental” In: *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Cortez editora, 3ª edição. São Paulo. 1998.Pp.39-50.
- FELDENS, Maria das Graças Furtado. Desafios na educação de professores: analisando e buscando compreensões e parcerias institucionais. In: SERBINO, Raquel Volpato. (org) (et ali). *Formação de professores*. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.pp.125-137.
- GOODE, Willian J. et ali. “Observação” In: *Métodos em pesquisa social*. Companhia editora nacional. São Paulo. 1969. Pp.155-170.
- NOGUEIRA, Oracy. “Observação espontânea e observação sistemática” In: *Pesquisa social introdução as suas técnicas*. Companhia editora nacional. São Paulo. 1968
- PICONEZ, Stela C. B. (coord.) *Prática de ensino e estágio supervisionado*. Campinas, São Paulo. Papirus, 1991.
- STEPHANOU, Maria. Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanistas Publicações, vol.18 nº 36, 1998.pp.15-38.

ANEXOS

E.E.E.F.M DOM LUIZ GONZAGA FERNANDES
PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA
ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO
ORIENTANDO: GLAYDS RICHELES ARAÚJO VEIGA
SÉRIE: 8ª TURMA: B TURNO: NOITE

PLANO DE AULA

EIXO PROBLEMÁTICO: Revolução: a instauração de um novo tempo? Um tempo de rupturas?

TEMA: Revolução Russa de 1917

OBJETIVO: apresentar a Revolução Russa como sendo fruto de um profundo desejo de mudança .

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. As idéias comunistas
2. A situação da Rússia czarista
3. De uma Guerra a Revolução
4. Os socialistas no Poder
5. A nova política econômica NEP
6. Stalin e o comunismo do terror

METODOLOGIA: Aula expositiva dialógica

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, livro didático e cartazes.

BIBLIOGRAFIA:

FERREIRA, José Roberto Martins. "O Comunismo no Poder" In: História 8ª.
Editora FTD. Edição Reformulada. São Paulo. 1997.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. "A Revolução Russa" In: História. Série Novo Ensino
Médio. Volume Único. Editora Ática. São Paulo. 2000.

E.E.E.F.M DOM LUIZ GONZAGA FERNANDES
PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA
ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO
ORIENTANDO: GLAYDS RICHELES ARAÚJO VEIGA
SÉRIE: 8ª TURMA: B TURNO: NOITE
PLANO DE AULA

TEMA: Brasil: Industrias, Operários e Greves

OBJETIVO: Explicar como se deu o processo de industrialização no Brasil no início do século XX.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. O poder político dos fazendeiros brasileiros
2. O mundo e a Primeira Guerra Mundial
3. O regime de trabalho nas fábricas no início do século XX
4. Os Movimentos operários no Brasil na década de 1920.

METODOLOGIA: Aula expositiva

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, livro didático e cartazes.

BIBLIOGRAFIA:

FERREIRA, José Roberto Martins. "Brasil: Indústrias, operários e greves" In: História 8ª. Editora FTD. Edição Reformulada. São Paulo. 1997.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. "O Brasil no início do século XX" In: História. Série Novo Ensino Médio. Volume Único. Editora Ática. São Paulo. 2000

E.E.E.F.M DOM LUIZ GONZAGA FERNANDES
PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA
ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO
ORIENTANDO: GLAYDS RICHELES ARAÚJO VEIGA
SÉRIE: 3^º TURMA: A TURNO: NOITE

PLANO DE AULA

EIXO PROBLEMÁTICO: Revolução: a instauração de um novo tempo? Um tempo de rupturas?

TEMA: Revolução Francesa de 1789

OBJETIVO: apresentar a Revolução Francesa como sendo fruto de um profundo desejo de mudança e a culminância de longo processo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Conceito de Revolução
2. Composição da Sociedade Francesa
3. A situação da França pré-revolucionária.
4. A revolta Aristocrática
5. Bastilha um ícone da revolução
6. Convenção Nacional
7. A fase de terror
8. O Diretório

METODOLOGIA: Aula expositiva.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, livro didático e cartazes.

BIBLIOGRAFIA:

- FIGUEIRA, Divalte Garcia. "A Revolução Francesa" In: História. Série Novo Ensino Médio. Volume Único. Editora Ática. São Paulo. 2000. pp.211-215.
- ORDÓÑEZ, Marlene et ali. "A Revolução Francesa" In: História. Coleção Horizontes. Editora IBEP. São Paulo. 1998. pp. 146-153
- PETTA, Nicolina Luiza de, et ali. "A Revolução Francesa" In: História uma abordagem integrada . Volume único. Editora Moderna. São Paulo. 1999. pp. 129-133

E.E.E.F.M DOM LUIZ GONZAGA FERNANDES
PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA
ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO
ORIENTANDO: GLAYDS RICHELES ARAÚJO VEIGA
SÉRIE: 3^º TURMA: A TURNO: NOITE

PLANO DE AULA

TEMA: O Golpe Buguês: Napoleão no poder

OBJETIVO: apresentar o processo de conquistas e expansão do império napoleônico no início do século XIX.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. O golpe de 18 de Brumário
2. De cônsul a imperador
3. Expansão do Império Francês
4. A batalha de Waterloo
5. O congresso de Viena
6. A santa aliança

METODOLOGIA: Aula expositiva.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, livro didático e cartazes.

BIBLIOGRAFIA:

FIGUEIRA, Divalte Garcia. “O período napoleônico.” In: História. Série Novo Ensino Médio. Volume Único. Editora Ática. São Paulo. 2000. pp.216-221.

ORDÓÑEZ, Marlene et ali. “O Império Napoleônico” In: História. Coleção Horizontes. Editora IBEP. São Paulo. 1998. pp.154-159.

PETTA, Nicolina Luiza de, et ali. “O imperador francês” In: História uma abordagem integrada . Volume único. Editora Moderna. São Paulo. 1999. pp. 134-138.

CARTAZES PRODUZIDOS PARA AS AULAS SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA

REVOLUÇÃO

- Universal
- Culminância de um longo processo = ZENITE
 - Questão Social = Sociedade Livre
- Inaugural - Questão do Indivíduo = Total
 - Questão do Cidadão = Novos códigos
- Violência
- Conflitos
- Disputas
- Instauração do novo = “ Tão viva é a luz da revolução que não há fenômeno histórico que ela não ilumine”.
- Rupturas

SOCIEDADE FRANCESA

- Alto Clero = Bispos, abades, cônegos

Primeiro Estado: o Clero

- Baixo Clero = Sacerdotes pobres

- Cortesã = Vivia no palácio

Segundo Estado: Nobreza - Provincial = Pobres nobres

- de Toga = Burgueses ricos

- Grande burguesia = banqueiros, empresários

- Média burguesia = Profissionais Liberais

Terceiro Estado - Pequena burguesia = Pequenos comerciantes e artesãos

- Camponeses = Trabalhadores livres

- Sans-Cullote = Urbana, aprendizes, desempregados

A FRANÇA ANTES DA REVOLUÇÃO

- Estrutura ultrapassada
- Impersílio para o avanço do capitalismo
- Vários impostos
- A burguesia aspirava participar do poder político
- Absolutismo Monárquico
- Intervenção do Estado na Economia
- Intolerância religiosa
- Privilégios Hereditários

REVOLTA ARISTOCRÁTICA

- Redução das despesas estatais
- Turgot e Necker - Liberdade de Manufatura e comércio
- Reforma fiscal
- Voto por Estado
- Convocação dos Estados Gerais
- Voto por Pessoa

ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE

- Carta Magna = 17 de Junho
- Queda da Bastilha = 14 de julho de 1789 – Aboliu o regime “ arcaico”
- Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão

CONSTITUIÇÃO CIVIL DO CLERO

MONARQUIA CONSTITUCIONAL – 1791

- Sociedade = Sem privilégios, abolição da tortura
- Economia = Não interferência do Estado, liberdade de produção e comércio
- Religião = Liberdade de crença, separação do Estado e a Igreja
- Política = Três poderes, as eleições.

O MOVIMENTO CONTRA-REVOLUCIONÁRIO

CONVENÇÃO NACIONAL

- Representava a alta burguesia
- Girondinos - Posições moderadas
 - Deter as Camadas populares
 - Pequena e média burguesia
- Jacobinos - O proletariado
 - Posições radicais
- Planície = neutros, apoiavam o poder

A FASE DO TERROR

- Exército
- Comitê de Salvação Pública
 - Administração
- Tribunal Revolucionário = traidores da Revolução

DIRETÓRIO E NAPOLIÃO

CARTAZES PRODUZIDOS PARA A AULA SOBRE O GOLPE BURGUESES: NAPOLEÃO NO PODER

O GOLPE DE 18 DE BRUMÁRIO

- Napoleão, Girondinos e o Partido da Planície
- Consulado 1799

DE CÔNSUL A IMPERADOR

- Cargo temporário
 - Indicar o seu sucessor
 - Criou o banco da França
 - Diminuiu a inflação
- 1802 Cônsul vitalício
 - Estabilizou a moeda
 - Cobrança de tarifas protecionistas
 - Incentivo a indústria e ao comércio
- 1804 Restauração da Monarquia = Bonaparte imperador da França
 - Domínio sobre a oposição
- Apoio burguês
 - Política econômica favorável
 - Código napoleônico
 - Poder político

O IMPÉRIO FRANCÊS

- Defesa interna da revolução e a sua expansão
- Inglaterra X França = Disputas pela hegemonia da Europa e do mundo colonial
- Prússia, Rússia e Áustria X França = Impedir a expansão da revolução liberal burguesa

BLOQUEIO CONTINENTAL

- Poderio Naval Inglês
 - Leste europeu aderiu ao bloqueio
- 1806 bloqueio continental contra a Inglaterra
 - Portugal é contra
 - Portugal e a aliança econômica com a Inglaterra
 - Fuga da Família real para o Brasil

O FIM DO IMPÉRIO FRANCÊS

- Perdas Humanas
- Dificuldades econômicas
- 1812 Contestação do Império
 - Invasão da Rússia = frio, fome, impossibilidade de fuga
 - 1814 Paris é invadida = Napoleão é deposto

O GOVERNO DOS CEM DIAS

- Napolão e a Ilha de Elba
- 1815 Bonaparte retoma o poder
- A Batalha de Waterloo
- Ilha de Santa Helena e a morte de Bonaparte em 1821

O CONGRESSO DE VIENA

- A Europa após a queda da França
- Legitimidade
- Restauração

A SANTA ALINÇA

- Combater os ideais liberais
- Áustria, Rússia e Prússia unidas
 - Monarquia Parlamentar
- Inglaterra contra
 - Praticava e defendia as teses capitalista e liberais
 - Era contra a política intervencionista

CARTAZES PRODUZIDOS PARA AS AULAS SOBRE REVOLUÇÃO RUSSA

PROJETO CAPITALISTA EM VIGOR

- Salvação Material = Projeto burguês

PENSAMENTO SOCIALISTA E OS OPERÁRIOS

- O fim da exploração
- A igualdade entre os homens

A SITUAÇÃO DA RÚSSIA

- Economia agrícola
- Trabalho para os servos
 - Cria reformas
 - Aboliu a servidão
 - Distribuiu terras
- Estado Absolutista Czarista
 - Aumento populacional
 - Desemprego
 - Fome e revoltas
- Chegam as indústrias
 - São Petersburgo e os protestos
- Guerra contra o Japão 1904 – 1905
 - Melhores Salários
 - Melhores condições de trabalho
 - Instauração da Duma = Parlamento
- Bolcheviques = Mudança Radical = Revolução
- Mencheviques = Processo lento a partir de reformas

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

- Russos contra Alemães e Austríacos
 - Artigos de Guerra
 - Falta de produtos
- Desorganização da economia
 - camponeses
 - Cidades em crises
- Petrogado nas ruas

OS BOLCHEVIQUES NO PODER

- Governo provisório = Apoio da burguesia
- Camponeses = Terra
- Operários = Melhores salários
- Os Sovietes = Lênin novembro de 1917
 - Desapropriação de terras
- Medidas
 - O estado e as empresas
 - Reorganizar a economia
 - Centralização do poder
- NEP = Nova Política Econômica
 - 1924 Trotsky X Stálin
 - Comunismo pela Força
 - Os Camponeses
- Stálin no poder
 - As fábricas
 - Sem miséria
 - Sem analfabetismo
 - Violência

CARTAZES PRODUZIDOS PARA A AULA SOBRE BRASIL: INDUSTRIAS, OPERÁRIOS E GREVES

O PODER POLÍTICO DOS FAZENDEIROS BRASILEIROS

- País agrícola
- País importador = Impostos baixos
- País agricultor X país industrializado
 - Aumenta a exportação
- A expansão da produção cafeeira
 - Aumento do preço do café
 - Imigrantes assalariados
 - Medidas protecionistas

O MUNDO EM GUERRA

- Estímulo as Fábricas = produtos externos e internos
 - Burguesia industrial
- Modificação da Sociedade
 - Operariado

AS FÁBRICAS

- Altas jornadas de trabalho
- Salários baixos
- Problemas de saúde
- Mulheres e crianças trabalhando
- As condições de moradias

TRABALHADORES DO MUNDO UNÍVOS

- Sociedades mutualistas
- Os socialistas = Partido Comunista do Brasil
 - Greves e sindicatos
 - Redução da jornada de trabalho
- Os Anarquistas
 - Melhores salários
 - Seguro contra acidentes
 - Melhores condições de moradias